

COMO HELENA SILVEIRA VÊ TV
Profa.Dra.Maria Cristina Castilho Costa

RESUMO

Essa comunicação tem por objetivo analisar a contribuição da escritora e crítica de televisão Helena Silveira para o estudo do desenvolvimento da telenovela no Brasil, a partir de suas crônicas publicadas no jornal "A Folha de São Paulo", de 1974 a 1984.

INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu diz em seu livro "As Teorias da Arte" que a crítica não é um mero adendo à obra de arte, mas é parte integrante dela, aquilo que dá visibilidade à obra e que a documenta, além de preparar o público para o entendimento e conseqüente fruição da obra. Se é verdade que a crítica é importante para qualquer obra de arte, ela o é ainda com mais razão para as obras efêmeras tais como música e teatro, assim como para aquelas cujos registros não são sistematicamente conservados.

Esse é o caso da telenovela brasileira, gênero dos mais importantes de nossa produção cultural e que sofre permanentemente da ausência de documentação e registro. O início da produção dessa ficção seriada televisiva, em seu formato diário como existe ainda hoje, remonta aos anos sessenta, quando sequer havia video-tape para gravação dos capítulos. E, após os anos setenta, quando o video-tape passou a fazer parte integrante da telenovela, a dificuldade de acesso ao material gravado continuou significativa, em parte pela perda dos arquivos das emissoras, em parte pelo reaproveitamento dos tapes para novas gravações e ainda pela falta de interesse por parte das emissoras em dar divulgação a esses registros.

Assim, a crítica é para o estudo da telenovela um dos meios mais eficientes para a recuperação dos fatos e acontecimentos relativos à nossa programação televisiva e, em especial da telenovela. E as crônicas de Helena Silveira são nesse sentido um material de grande importância por ser regular e sistemático e pela qualidade desses textos, tendo sido produzidos como o foram por uma escritora com profunda bagagem literária e artística. Assim, ter tido acesso a esse material existente no Núcleo de Pesquisa de Telenovela, a partir de um convite feito pela Profa. Anna Maria Fadul, foi de especial interesse para minhas pesquisas em telenovela.

É importante entender também que o fato das crônicas de Helena Silveira terem sido escritas quase concomitantemente ao desenvolvimento do próprio gênero de teleficção, permite acompanhar o processo pelo qual a telenovela foi conquistando espaço e público e foi se tornando um gênero próprio de manifestação cultural. Assim, a crítica de Helena Silveira revela a própria organização do pensamento acerca da telenovela, o olhar com que foi recebida pelo público culto e os critérios que serviram de base para um primeiro esforço de análise estética da telenovela. Portanto, a crítica da escritora nos dá elementos não só relativos à telenovela como também possui valor intrínseco como desenvolvimento de uma metalinguagem televisiva.

Assim como a própria telenovela surge como uma criação híbrida que integra o folhetim impresso, a radionovela, o teatro e o cinema, a crítica de Helena Silveira apresentou, ao longo dos dez anos nos quais escreveu para "A Folha de São Paulo", também uma integração de valores estéticos de diversas linguagens. A cronista vale-se inicialmente de seu amplo conhecimento literário, buscando entender a telenovela através de seu texto. Depois, começa a se aperceber da importância da imagem na expressão televisiva e busca nos critérios cinematográficos elementos de avaliação da telenovela. Já nas crônicas dos anos oitenta, percebemos o domínio da linguagem em toda sua especificidade. Podemos dizer que a telenovela, já então consagrada, e tendo se transformado em forte indústria cultura, tendo adquirido ampla aceitação pública e popular, consegue ser analisada como linguagem própria e com critérios especiais, tais como ritmo, fluxo narrativo e coerência, tudo isso expresso através de diálogos, expressões visuais e corporais e recursos técnicos televisivos.

A leitura das crônicas de "Helena Silveira Vê TV" nos coloca diante da organização dos critérios estéticos com os quais a novela foi sendo produzida e avaliada.

UMA CRÍTICA É SEMPRE UM DOCUMENTO HISTÓRICO

É importante a leitura de críticas das diversas manifestações artísticas. Como vimos, em parte porque a crítica impressa geralmente resiste ao tempo, documentando e recuperando

espetáculos que, sem ela, só teriam registro na memória do público, sempre fragmentada e essencialmente afetiva. Assim, a crítica registra, divulga e recupera. É elemento fundamental para a compreensão não só da obra como dos critérios através dos quais a obra foi recebida e apreciada pelo público.

Nesse sentido, a escritora Helena Silveira nos deixou importantes informações sobre a maneira como se via telenovela nas primeiras décadas de desenvolvimento do gênero. A autora menciona até mesmo o preconceito de que a telenovela era vítima, considerada como manifestação *menor* de ficção. Em alguns trechos ela deixa perceber como, ao contrário da telenovela, o teatro era considerado arte por excelência e como os próprios artistas, muitos egressos da dramaturgia, diziam sentir pena de terem então menos tempo para se dedicar ao teatro.

Esse preconceito decorria do caráter industrial da produção televisiva, de seu sentido lucrativo e também do forte apelo popular do gênero. Como manifestação artística altamente comercial e popular, a telenovela não gozava de grande consideração por parte da crítica, dos atores e até dos autores. Acrescente-se a isso o fato de que os recursos técnicos serem ainda pouco dominados - cenários pobres, iluminação homogênea e atores de tradição dramática, o que dava um certo acabamento ainda, de certo modo, amador e experimental.

Não podemos esquecer também o fato da telenovela estar ligada, desde sua origem, ao entretenimento, o que parecia emprestar-lhe mais uma aura de alienação do que de produção séria e responsável. Questões como essas - a popularidade, o caráter comercial e financeiro explícito e a ênfase no entretenimento, próprios da telenovela - são perceptíveis nas crônicas de Helena Silveira como obstáculos à aceitação e ao reconhecimento do valor estético da telenovela. E assim entedemos o importante papel da sua crítica em apontar constantemente os pontos altos da produção, em chamar a atenção do público para o que é de qualidade, ao mesmo tempo em que orienta os autores, diretores e intérpretes para falhas típicas de uma linguagem de ritmo industrial e de uma atividade artística nova.

Podemos também, através dessas crônicas, ir acompanhando o lento processo de desenvolvimento dos recursos de linguagem que hoje caracterizam a telenovela - maior quantidade de externas, sofisticação progressiva dos cenários, integração de linguagens e

recursos, desde os expressivos, até os sonoros e os visuais. Cada nova conquista do gênero em seus recursos expressivos era apontado pela escritora com entusiasmo.

Podemos dizer assim que, ao longo dos dez anos nos quais se dedicou à crítica televisiva, Helena Silveira organizou uma pequena história da telenovela no Brasil, que nos permite ver, por exemplo, a consagração dos primeiros escritores que se dedicaram ao gênero. Os nomes de Lauro Cesar Muniz, Benedito Ruy Barbosa, Gilberto Braga, Bráulio Pedrosa e, claro, Janete Clair e Ivani Ribeiro, têm presença permanente em suas colunas. Diretores como Paulo Ubiratan e Roberto Talma são mencionados por ela quando, ainda jovens, iniciam suas carreiras, assim como as "estrelas que sobem", entre as quais destaca Vera Fisher e Glória Pires, atrizes criadas já pela televisão.

É desse modo que "Helena Silveira Vê TV" apresenta um desenrolar de nomes e de profissionais que passam a se destacar exatamente por sua contribuição específica ao gênero. Nomes, aliás que ela passa a dar destaque através de prêmio especial que levava o seu nome - Troféu Helena Silveira - e com o qual ela agracia atores, atrizes, autores e diretores que considera como os melhores de cada ano.

A PREOCUPAÇÃO COM AS QUESTÕES SOCIAIS E COM A COERÊNCIA NARRATIVA

Dissemos anteriormente que a série de crônicas de Helena Silveira sobre a televisão e a telenovela permite-nos entender o desenvolvimento do gênero a partir do momento em que, deixando suas origens híbridas que mesclam o teatro, o cinema e o rádio, consegue se firmar como forma de expressão própria. Permite-nos também recuperar a história da telenovela, a emergência de profissionais que se destacam, cada vez mais, pelo amplo domínio do meio e de sua linguagem.

Outro aspecto que aparece insistentemente em sua crítica televisiva é a grande preocupação que a autora demonstra em relação à função social da telenovela. Reiteradamente, Helena Silveira afirma sua preocupação em relação ao alcance das telenovelas e ao poder que exerce sobre o público. Cada vez mais consciente disso, exorta os autores a terem especial interesse pelo sentido social de suas mensagens. Qual seria a receita para uma obra socialmente responsável? Temas que levem o público a meditar e a ter uma visão crítica da realidade, que os coloquem cada vez mais em contato com a sociedade brasileira, um tratamento convincente e coerente que permita ao telespectador assimilar os objetivos do autor e discutir as questões e conflitos levantados pelo enredo.

Helena Silveira exorta para isso o máximo possível para o *naturalismo* nas telenovelas, deixando-se de lado clichês que não instruem o público mas que, ao contrário,

criam uma visão estereotipada do mundo, como ricos que só tomam café da manhã com suco de laranja, lençóis coloridos em novelas de época, ou empregados que chamam a patroa de *madame*.

Com o mesmo intuito de lembrar a responsabilidade do autor e do diretor de telenovelas para com o público, procurando sempre conscientiza-lo e instruí-lo, a escritora condena o excesso de "carioquismo ipanamenho" presente nas novelas desde que a hegemonia da Tupi foi substituída pela hegemonia da Globo, no Rio de Janeiro. Chama a atenção, a crítica paulista, para o fato de que, independentemente do lugar onde é ambientada a telenovela, não se escapa do falar chiado do carioca que torna Ipanema o centro do mundo, com seus hábitos, sua moda, seu sotaque e seus problemas.

São essas preocupações com a reconstrução coerente do mundo tratado na telenovela que fazem Helena Silveira comentar a respeito da telenovela "Memórias de Amor", inspirada em "O Atheneu", de Raul Pompéia: "É simplesmente de amargar ouvir um aluno do Atheneu, em 1888, falar em amigo da onça, como aconteceu num dos capítulos", referindo-se ao personagem imortalizados pelo chargista Péricles na revista "O Cruzeiro".

Esse respeito pela inteligência do espectador, essa preocupação com a coerência e a verossimilhança, com a informação procedente e bem pesquisada, perpassa todos as etapas de produção da telenovela: a escolha do tema, a construção das personagens, a escalação dos atores, o desenvolvimento dos diálogos, o desenrolar das tramas, a elaboração dos cenários. Até mesmo a maquiagem com a qual a produção envelhece as personagens dando a impressão da passagem do tempo, como aconteceu em "Escalada", que possui três fases históricas diferentes, é comentado por essa crítica que é, antes de mais nada, uma "vedora" de telenovelas como ela própria se denomina. Mas uma vedora minuciosa e atenta que procura se colocar no lugar do espectador e entendê-lo, e respeitá-lo.

Podemos perceber todo esse seu interesse e critério, na crítica que tece à novela "Escalada", de Lauro César Muniz: "Em um mundo telenovelístico pleno de blá-blá-blás, com personagens discutindo o sexo dos anjos, Escalada redundou em texto adulto, impressivo, forte." Em compensação, diz essa crítica que não perdoa erros grosseiros: "*Gina* parece-me fruto da pressa e de desencontros. Há erros flagrantes na escolha dos intérpretes segundo o tipo que irão desempenhar...Está tudo tão errado que é difícil apontar responsáveis, achar os que têm razão e que não se perdem na maré de incoerência da novela."

E é em nome dessa coerência e dessa integridade da obra que a escritora alerta sempre, e constantemente, para as espichações indevidas, assim como para os cortes motivados muitas vezes por razões alheias à trama e ao roteiro - demissões, troca de emissoras por parte dos artistas, mudanças na equipe de produção - quando não pelo dedo da censura, tão agressivo nos anos em que Helena Silveira escreveu suas críticas.

UMA PRODUÇÃO DE EQUIPE

É interessante notar que já se delineia nos escritos de Helena Silveira a percepção da telenovela como uma obra de múltiplas responsabilidades, talentos e autores. Em cada novela em que a escritora se detém, procura abarcar essa multiplicidade própria da produção da telenovela. Ela vai tecendo comentários a cada parte integrante da produção: o autor, o diretor, os atores, a produção, a pesquisa e, nas últimas críticas, até mesmo o câmara, a música e a abertura ganham destaque no papel que desempenham para o sucesso ou fracasso da obra.

Esse caráter coletivo, já bastante perceptível na obra cinematográfica, adquire especial importância no trabalho crítico de Helena Silveira, pois, ao contrário da crítica cinematográfica, que é *post-facto*, a escritora vai desenvolvendo seus comentários no próprio processo de realização da telenovela. Uma mesma novela merece, por exemplo, uma crítica positiva por seus diálogos, geralmente de responsabilidade do autor, enquanto pode receber comentários pouco agradáveis pela composição do cenário, ou por certas escorregadelas da equipe de produção, cuja performance é de responsabilidade de outros profissionais.

Mas, sem dúvida, para a vedora de telenovelas Helena Silveira, ao autor, ao diretor e aos intérpretes cabe a maior parte da responsabilidade pelo sucesso de uma telenovela. Não teria receio em afirmar, ainda, que a escritora dá maior importância ao trabalho do autor, o grande mago da ficção televisiva.

Prova dessa complexidade própria do gênero, Helena Silveira comemora o sucesso de "Bem Amado", atribuindo-o ao autor Dias Gomes, que "vai onde quer, e como quer, e ainda faz dar risadas os que deveriam sentar-se no banco dos réus... criou uma linguagem para este momento brasileiro". Mas, por outro lado, reconhece no talento do diretor Daniel

Filho a interpretação do texto diasgomiano. Diz ela que ele "tem a receita de despoetizar o cotidiano criando a poesia da simplicidade, das caras sem maquiagem, do sorriso sem bons dentes".

ESCAPANDO AO MODELÃO FOLHETINESCO

Helena Silveira reconhece que a telenovela surgiu de um modelo - o folhetim - aquele dramalhão que provoca lágrimas, com conflitos que se resumem aos problemas íntimos e sentimentais das personagens, do tipo "quem fica com quem", imortalizado por Ivani Ribeiro e Glória Magadã. Pois bem, a escritora entende que, no Brasil, esse modelo acabou se transformando. O maniqueísmo típico construído por heróis e bandidos inquestionáveis que interpretam situações previsíveis e repetitivas, que devem levar necessariamente à vitória do bem sobre o mal e ao casamento da mocinha com o mocinho, cedeu para uma construção muito mais versátil e criativa.

Aqui, por influência de bons autores vindos da literatura, em razão de grandes intérpretes vindos do teatro, o gênero ganha seriedade e naturalismo. Os heróis mais humanizados não são tão bonzinhos, assim como os vilões - como Odorico Paraguassú - chegam a ser cativantes. As questões sentimentais e os conflitos íntimos são apenas um dos "motes" do roteiro. A situação política e social, a crítica por vezes bem humorada, as ambigüidades são elemento fundamental da telenovela brasileira.

Em razão desse posicionamento é que Helena Silveira, ao comentar a novela "Pai Herói", afirma que Janete Clair utilizou "todos os clichês, os lugares-comuns, os estereótipos numa festança abastada". Outros autores que não resistem aos formatos fáceis são, segundo a escritora, Manoel Carlos e Gilberto Braga. Este último, nos conta, teria explicitamente revelado na sinopse de "Louco Amor": "...não tem proposta diferente. É simplesmente uma novela."

UM INQUESTIONÁVEL SUCESSO

Apesar de considerada como um gênero "menor" de produção artística e de ser relegada pela maioria dos estudiosos, pesquisadores e críticos, como uma produção piegas e estereotipada, para a qual o único dom necessário é a vontade de ganhar dinheiro às custas dos limitados horizontes culturais da população, o que podemos perceber nas críticas publicadas por Helena Silveira é que a telenovela se constituiu efetivamente em produção complexa, peculiar e inegavelmente nacional.

Diz ela: "Trinta anos de televisão no Brasil ainda não lhe deram a maioria, como creio que em nenhum país ela tenha-se codificado em conceitos, numa gramática audiovisual a ser seguida. .. mas se imanta uma população de milhões de habitantes, é que, de certo modo como contadora de estórias, acertou na mosca." E, como a escritora constatava a explosão desse poder de comunicação e esse acerto na fórmula mágica que integra linguagens, talentos e experiências?

Em primeiro lugar, o sucesso podia ser medido pelo IBOPE, e pela luta que ele desencadeava em relação aos horários e aos profissionais da telenovela, que acabavam trocando de emissoras numa verdadeira dança-de-cadeiras. Era perceptível também no controle da censura cuja radicalidade, controversamente, acabava demonstrando que essa ficção retratava mais a realidade do que era desejado. Era visível ainda nos salários, cada vez mais expressivos, pagos aos atores de destaque, e no cuidado cada vez maior que a produção das telenovelas exigia.

Mas havia ainda outros indicadores: a quantidade de cartas que Helena Silveira recebia, a resposta do público à cada produção televisiva, o espaço que ela destinava à essa conversa com o público e até as influências perceptíveis da telenovela na vida cotidiana da população - mudanças na rotina, adoção dos nomes dos personagens principais da novela para batizar os filhos e até o uso de certos nomes como adjetivos. "Essa mulher parece uma Cinthya Levy", ouviu Helena Silveira, certa vez em um restaurante, de uma pessoa que procurava dizer que determinada pessoa seria tão mal caráter quanto a vilã da novela do momento.

E não só no Brasil, como no exterior, Helena Silveira foi testemunha do espaço cada vez maior que a telenovela passou a ocupar na produção cultural e na vida das pessoas. Visitante constante de Portugal, a escritora relata o interesse que as telenovelas despertavam nesse país, bem como certo ciúme que ele provocava nos lusitanos, que diziam estar a novela modificando os hábitos lingüísticos dos portugueses, os quais adotavam gírias brasileiras e, por vezes, carioquismos irreverentes.

Portanto, quando Helena Silveira fala em sucesso da telenovela brasileira não está falando apenas em números e cifras, mas naquela influência que todo autor gostaria de ver resultante de suas obras, aquela incorporação ao cotidiano, aquela empatia que certos personagens conseguem despertar.

O reconhecimento internacional é coisa já da época de Helena Silveira. Uma jornalista italiana que a visita certo dia, conta-lhe que os italianos não perdem nenhum capítulo das novelas brasileiras e que o sucesso é tal que a televisão italiana se lançava a uma produção nacional. E diz ela: "Um de nossos críticos respeitados, Tuluó Rezich, diz que *Dancing Days* é uma pequena obra prima, que está, enquanto arte, muito distanciada dos seriados americanos, lineares e descomprometidos como 'Dalas' e outros."

UMA CRÍTICA COMO A OBRA QUE CRITICA

Inúmeros são os aspectos importantes da crítica de Helena Silveira à programação televisiva e à telenovela em especial. São informações históricas, como vimos, são retratos de um processo de desenvolvimento de um gênero que se consagra no Brasil e se torna nosso maior produto de exportação cultural.

Não ver os benefícios do desenvolvimento da telenovela no Brasil é desconhecer o quanto ela popularizou certos autores, como tornou conhecidos textos clássicos que eram desconhecidos do grande público, como possibilitou a divulgação do Brasil no exterior, como criou uma indústria cultural nacional de amplas perspectivas futuras.

O papel de Helena Silveira foi de enorme importância para esse processo. Em primeiro lugar, o fato dessa crítica sistemática ter sido construída por uma escritora de profunda bagagem cultural deve ter sido de especial importância para esses profissionais -

autores, diretores e intérpretes - que ensaiavam os primeiros passos na nova linguagem. Seus comentários eram contundentes e embasados sem nunca ceder ao preconceito puro e simples, sem procurar, como certos críticos, aparecer mais do que a obra criticada. Ela nos conta das respostas que teve às suas críticas até mesmo por parte do poderoso Boni. É de se supor, portanto que, numa época em que não se dispunha de Group Discussions, a coluna diária de Helena Silveira fosse um farol para essas produções.

Por outro lado, ela era uma escritora e como tal sabia bem usar suas palavras e de modo adequado se dirigir ao leitor de jornal, estimulando-o a ver TV e a assistir nossas produções. Quantos leitores empedernidos de jornal não terão largado as linhas impressas no horário nobre para, estimulado por suas considerações, ver afinal *o que é que a novela tem?* Assim Helena Silveira ajudou a engrossar o público das telenovelas. Não aquele que é telespectador por natureza e que se posta diante da telinha para o que der e vier, mas aquele amante das letras impressas que resistiu muito aos apelos da indústria cultural televisiva e que talvez, sem essa mestra da linguagem televisiva, continuaria indiferente à nossa telenovela.

Mas seguramente Helena Silveira não ajudou apenas aos produtores e profissionais de telenovela, nem apenas aos renitentes leitores de jornal que não se deixavam seduzir pela telinha, ela ajudou também a consagrar um tipo de publicação especializada. A versatilidade de suas considerações, a amplitude de suas críticas, que ora falavam da produção, ora das cartas recebidas, ora davam espaço a depoimentos, ora premiavam profissionais ligados à telenovela, acaba por formatar um tipo de imprensa especializada. Hoje, as revistas *Amiga* e *Contigo* acabam revelando em suas seções essa mesma variedade e esses mesmos focos de interesse.

Helena Silveira não foi substituída na crítica televisiva existente nos jornais. Em parte porque, se quando começou a escrever é possível que o público da mídia impressa superasse o da mídia televisiva, hoje parece que as coisas se inverteram, e são os jornais que buscam na televisão espaço para conquistar leitores. Hoje não é preciso mais que os leitores deixem seus jornais e se encaminhem para o aparelho de televisão, eles já estão defronte dela. Por outro lado, a publicação especializada se tornou ela própria um produto industrial produzido por equipes de articulistas e jornalistas. Nesse novo panorama, uma crítica como Helena Silveira não teria mais a projeção e a importância que teve.

Assim, com o sucesso de público e com a ampliação do caráter industrial da produção televisiva e de seus derivados, encerra-se o papel desse crítico personalizado, individual e cotidiano que foi Helena Silveira. E é nesse sentido que podemos considerá-la como um fenômeno típico do alvorecer da telenovela no Brasil. O encerramento de sua coluna pode ser assim considerado a maturidade do gênero entre nós, maturidade que essa escritora aberta, séria, audaciosa e responsável ajudou a consagrar e a valorizar.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre - “As Regras da Arte”
São Paulo, Cia das Letras, 1996

WOLTON, Dominique - “Elogio do Grande Público”
São Paulo, Ática, 1996

PIGNATARI, Décio - “Signagem da Televisão”
São Paulo, Brasiliense, 1984

e todas as crônicas de Helena Silveira, “Helena Silveira Vê TV” publicadas no jornal “A Folha de São Paulo”